

Logo, pelos seus frutos os reconheceréis.

Mateus
7:20

Frutos

O mundo atual, em suas elevadas características de inteligência, reclama frutos para examinar as sementes dos princípios.

O cristão, em razão disso, necessita aprender com a boa árvore, que recebe os elementos da Providência divina, por meio da seiva, e converte-os em utilidades para as criaturas.

Convém o esforço de autoanálise, a fim de identificarmos a qualidade das próprias ações.

Muitas palavras sonoras proporcionam simplesmente a impressão daquela figueira condenada.

É indispensável conhecermos os frutos de nossa vida, de modo a saber se beneficiam os nossos irmãos.

A vida terrestre representa oportunidade vastíssima, cheia de portas e horizontes para a eterna luz. Em seus círculos, pode o homem receber diariamente a seiva do Alto, transformando-a em frutos de natureza divina.

Indiscutivelmente, a atualidade reclama ensinamentos edificantes, mas nada compreenderá sem demonstrações práticas, mesmo porque, desde a Antiguidade, considera a sabedoria que a realização mais difícil do homem, na esfera carnal, é viver e morrer fiel ao supremo bem.

(Caminho, verdade e vida. Ed. FEB. Cap. 122)

Nas diretrizes do Evangelho⁸⁰²

O Senhor não nos induziu a conhecer o valor da árvore pelas exterioridades ou dificuldades de sua vinculação com a terra.

Não pela configuração morfológica do tronco.

Nem pelo tecido da folhagem.

Nem pelas flores.

Não mandou se lhe pesquisasse os defeitos de apresentação, muitas vezes criados pela fúria das tempestades que o exame posterior dos melhores botânicos não consegue determinar.

Nem recomendou se lhe fixassem as desvantagens causadas pelos insetos que lhe carcomem as energias e que os obreiros do bem saberão extirpar, a preço de amor.

Nem exigiu se inventariasse o número dos viajores que lhe espancaram ou quebraram os ramos, a fim de se lhe apropriarem dos recursos.

O Mestre apenas anunciou que a árvore será sempre conhecida pelos frutos.

Quando as circunstâncias nos impelirem a julgar ou analisar os irmãos de experiência e caminho, esqueçamos as figurações passageiras que repontem no lado externo

da vida e recordemos o ensino de Jesus: “Pelos frutos os conhecereis”.

(*Reformador*, maio 1969, p. 98)

Autoaprimoramento

Tanto quanto sustentamos confidências menos felizes com os outros, alimentamos aquelas do mesmo gênero de nós para nós mesmos.

Como vencer os nossos conflitos interiores? De que modo eliminar as tendências menos construtivas que ainda nos caracterizam a individualidade? – indagamo-nos.

De que modo esparzir a luz se muitas vezes ainda nos afinamos com a sombra?

E perdemos tempo longo na introspecção sem proveito, da qual nos afastamos insatisfeitos ou tristes.

Ponderemos, entretanto, que se os doentes estivessem proibidos de trabalhar, segundo as possibilidades que lhes são

próprias, e se os benefícios da escola fossem vedados aos ignorantes, não restaria à civilização outra alternativa que não a de se extinguir, deixando-se invadir pelos atributos da selva.

Felicitemo-nos pelo fato de já conhecer as nossas fraquezas e defini-las. Isso constitui um passo muito importante no progresso espiritual, porque, com isso, já não mais ignoramos onde e como atuar em auxílio da própria cura e burilamento.

Que somos espíritos endividados perante as Leis divinas, em nos reportando a nós outros, os companheiros em evolução na Terra, não padece dúvida.

Urge, porém, saber como facear construtivamente as necessidades e problemas do mundo íntimo.

Reconhecemo-nos falhos, em nos referindo aos valores da alma, ante a Vida superior, mas abstenhamo-nos de chorar inutilmente no beco da autopiedade.

Em vez disso, trabalhemos na edificação do bem de todos.

Cultura é a soma de lições infinitamente repetidas no tempo.

Virtude é o resultado de experiências incomensuravelmente recapituladas na vida.

Jesus, o Mestre dos mestres, apresenta uma chave simples para que se lhe identifiquem os legítimos seguidores: “conhecê-los-eis pelos frutos”.

Observemos o que estamos realizando com o tesouro das horas e de que espécie são as nossas ações, a benefício dos semelhantes. E, procurando aceitar-nos como somos, sem subterfúgios ou escapatórias, evitemos estragar-nos com queixas e autocondenação, diligenciando buscar, isto sim, agir, servir e melhorar-nos sempre.

Em tudo o que sentirmos, pensarmos, falarmos ou fizermos, doemos aos outros o melhor de nós, reconhecendo que, se as árvores são valorizadas pelos próprios frutos, cada árvore recebe e receberá invariavelmente atenção e auxílio do

pomicultor, conforme os frutos que venha a produzir.

(*Rumo certo*. Ed. FEB. Cap. 23)

Fruto e exemplo

(*Plantão da paz*. Ed. GEEM. Cap. “Fruto e exemplo”)¹⁰⁵

No campo da vida

(*Reconforto*. Ed. GEEM. Cap. 8)¹⁰⁶

Tentações¹⁰⁷

O êxito dos falsos profetas, em nossa vida, surge na proporção de falsidade que ainda abrigamos em nosso próprio espírito.

O ouro tenta o homem, mas não move o interesse do corvo. Os detritos atraem o corvo, mas apenas provocam a repugnância do homem.

Somos tentados invariavelmente de

acordo com a nossa própria natureza.

A perturbação não lançaria raízes no solo de nossa alma, se aí não encontrasse terreno adequado.

Não nos libertaremos, assim, das forças enganadoras que nos cercam, sem a nossa própria libertação dos interesses inferiores.

O ouvido que oferece asilo à calúnia é cultor da maledicência.

A boca que se detém na resposta ao insulto naturalmente estima a produção verbal de crueldade e sarcasmo.

Quem muito se especializa na contemplação do charco, traz o pântano dentro de si.

Quem se consagra sistematicamente à fuga do próprio dever, aceita a comunhão com criaturas indisciplinadas como se convivesse com mártires e heróis.

Quem apenas possui visão para a crítica, encontra prazer com os censores inveterados e com os incuráveis pessimistas, que somente identificam a

treva ao redor dos próprios passos.

Tenhamos cautela em nós mesmos, a fim de que a nossa defensiva contra a mentira e contra a ilusão funcione, eficiente.

Não seríamos procurados pelos adversários da luz se não cultivássemos a sombra.

Jamais ouviríamos o apelo às nossas vaidades se não vivêssemos reclamando o envenenado licor da lisonja ao nosso próprio “eu” enfermiço.

Procuremos as situações e os acontecimentos, as criaturas e as coisas pelo bem que possam produzir, nunca pelo estímulo ao nosso personalismo desregrado, e os problemas da tentação degradante estarão resolvidos em nossa marcha.

“A árvore é conhecida pelos frutos” — ensina o Senhor —, e seremos queridos

e admirados pelos Espíritos que nos rodeiam, de acordo com os nossos próprios pensamentos e as nossas próprias obras.

Sejamos fiéis ao Senhor, na prática do amor puro, em qualquer confissão religiosa a que nos afeiçoemos, e as forças infiéis à verdade não encontrarão base em nossa vida, de vez que a Vontade divina, e não o nosso capricho, será então a luz santificadora de nossos próprios corações.

(*Reformador*, dez. 1953, p. 279)

¹⁰⁴ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Segue-me!...* Ed. O Clarim. Cap. Nas diretrizes do Evangelho.

¹⁰⁵ Vide nota 9, p. 27.

¹⁰⁶ Vide nota 9, p. 27.

¹⁰⁷ Nota da equipe organizadora: Texto publicado em *Saudação do Natal*. Ed. Cultura Espírita União. Cap. “Tentações, com pequenas alterações”.